

RESENHA

NAPOLEONI, LORETTA. A FÊNIX ISLAMITA: O ESTADO ISLÂMICO E A RECONFIGURAÇÃO DO ORIENTE MÉDIO

(Tradução: Milton Chaves de Almeida). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

Por Francisco de Assis Silva¹

O conturbado cenário político que se apresenta no Oriente Médio e que influencia o mundo permite analisá-lo sob diversos aspectos, dentre eles o do terrorismo. Foi neste sentido que Loretta Napoleoni escreveu a “Fênix Islamita: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio”. Autora de livros como a “Economia Bandida” — que rapidamente se tornou *best-seller*, eleito pela *Publishers Weekly* o melhor livro de 2008—; assim como “Maonomics: por que os comunistas chineses se saem melhores capitalistas do que nós”; e *Democracy for Sale*, Napoleoni vem se destacando nas pesquisas no âmbito das relações internacionais. Em seu mais recente livro, a analista em políticas internacionais, economista e Phd. em Terrorismo pela *London School of Economics*, analisa o Estado Islâmico, fenômeno recente da nossa história. A organização terrorista, criada oficialmente em 2013, é descrita por Napoleoni com acuidade desde sua criação até o momento presente, em que surge no Oriente Médio como uma força em plena expansão.

Imediatamente, no prólogo, Napoleoni questiona: “*Um novo tipo de terrorismo?*”. Essa pergunta tem um sentido preciso, pois a maneira como o Estado Islâmico se articula requer um aparato midiático que não foi explorado da mesma forma por outras organizações terroristas, a exemplo da *Al-Qaeda*. A utilização que o EI faz das redes sociais, por exemplo, é algo novo se comparada às outras organizações terroristas. Mas qual a mensagem que o EI pretende divulgar? Para a analista está claro: “*o retorno do Califado, de um novo Período Áureo do Islã*” (p. 17).

O livro está dividido em oito capítulos, que abordam temas como a história do EI e o sentido das constantes mudanças no nome do grupo, e como essa nomenclatura é percebida, de modo diferente, por alguns países; a nova forma de se promover a guerra, que a autora denominará de “privatização do terrorismo”; a criação de um Estado-Fantasma; os novos instrumentos de disseminação da violência; o poder das redes sociais; o Salafismo radical, dentre outros aspectos que revelam o que é o EI e o quanto é importante que o mundo não o subestime.

Chama a atenção o caráter crítico da análise que Loretta Napoleoni realiza, seu distanciamento científico lhe permite observar certas questões que a mídia internacional não divulga. Segundo a analista, os moradores das áreas em que o EI controla afirmam que “*a chegada de combatentes do EI coincide com melhorias na administração e no funcionamento diário de seus povoados*” (p. 18). E continua: “*Guerrilheiros do EI taparam buracos em vias e estradas, improvisaram cozinhas comunitárias gratuitas para aqueles que perderam seus lares e garantiram o fornecimento de energia*” (p.18). Entretanto,

ao fazer essa análise, Napoleoni não deixa de reconhecer a violência, as atrocidades que o EI promove, e deixa claro que se trata de uma organização terrorista.

Quando o assunto é a privatização do terrorismo, Napoleoni apresenta uma questão intrigante: “*A chave do sucesso do EI tem sido a velocidade com que a organização privatizou o terrorismo, em comparação com outros grupos, tais como a OLP ou o IRA*” (p. 54). Segundo a economista, o EI, diferentemente da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) ou do Exército Republicano Irlandês (IRA — *Irish Republican Army*), livrou-se mais rapidamente dos seus patrocinadores, conseguindo uma independência financeira que outros grupos não tiveram. Para Napoleoni, a “*privatização do terrorismo proporciona ao EI instrumentos para garantir a lealdade de seus combatentes. Em outras palavras, al-Baghdadi buscou a independência financeira como forma de vacinar suas forças contra o vírus da corrupção*” (p. 57). Como o patrocínio de financistas de conflitos e guerras dá ensejo ao suborno, o EI tem assumido o controle de suas finanças e mantido coesa sua organização, assim como tem estabelecido, também, uma política de aproximação e aliança com as tribos sunitas locais, evitando conflitos diretos e desnecessários.

A grande preocupação de Napoleoni está na tentativa de consolidação de um Estado efetivo por parte da organização terrorista. Nesse momento, o que ela denomina de Estado-Fantasma está sendo implementado com o apoio da população, restando apenas uma estrutura política, um território, para que se torne efetivamente um Estado: “*al-Baghdadi objetiva criar um Estado moderno, com a total aprovação solidária dos governados, ainda que, nele, o exercício da cidadania em si seja*

limitado por sectarismo religioso e não inclui a participação ativa de mulheres” (p. 60). A este propósito liga-se o fornecimento de programas sociais, por parte do grupo terrorista, “*fruto da estratégia econômica do EI*” (p. 61).

Em sua análise, Loretta Napoleoni não deixa de reconhecer a responsabilidade dos EUA na criação de um inimigo em potencial que, junto à falsa notícia da produção de armas de destruição em massa pelo Iraque, acirraram os problemas no Oriente Médio: o personagem em questão foi Abu Musab al-Zarqawi (militante islâmico responsável por inúmeros ataques a bomba na Guerra do Iraque, morto em 2006 pelas forças americanas, tendo comandado o grupo islamista *Al-Tawhid al-Jihad* desde 2003). Abu Musab al-Zarqawi não tinha nenhuma conexão com Sadam Hussein, relata a autora, mas no momento em que

Colin Powell [então Secretário de Estado dos EUA] concluiu que al-Zarqawi era o homem da Al-Qaeda no Iraque [o grupo de al-Zarqawi declarou fidelidade a Osama Bin Laden em 2004, mudando seu nome para “Al-Qaeda no Iraque”], o jordaniano tornou-se a nova estrela do jihadismo, quase de um dia para o outro, e patrocinadores de guerras começaram a despejar rios de dinheiro sobre ele e seu grupo (p. 80, grifo nosso).

O processo de enaltecimento do personagem al-Zarqawi pelos EUA serviu como lição, segundo a analista, para Abu Bakr al-Baghdadi, líder do EI, que aprendeu os mecanismos pelos quais poderia mistificar o seu nome e tornar o seu grupo mais forte. É o que, para Napoleoni, vem ocorrendo, através da internet, das redes sociais, com o recrutamento de jovens que se identificam com o propósito de restauração do Califado

e são influenciados pela liderança de al-Baghdadi, que alia o seu nome ao profeta Maomé, considerando-se descendente do profeta e autoproclamando-se o novo Califa.

Outro ponto importante na análise da autora é o “Salafismo radical”, que consiste na exacerbação do Salafismo (seita islâmica surgida no século XIX, defensora da adesão e observância rigorosa da doutrina islâmica). Apesar de manter a ideia de purificação do Islã, como foi característico dessa seita até o fim do século XIX, o Salafismo moderno (radical) preconiza, também, a expurgação de toda contaminação proporcionada pela colonização europeia. O Salafismo radical, professado pelo Estado Islâmico, vem, portanto, restabelecer os antigos valores do Islã, através da purificação do islamismo e extirpação da influência das potências europeias que contaminou os valores do mundo árabe.

Estes são alguns pontos cruciais da análise de Loretta Napoleoni, cuja riqueza de detalhes e apurado rigor científico são evidenciados em temas complexos da contemporaneidade. A leitura de “A Fênix Islamista” passa a ser obrigatória para aqueles que anseiam uma melhor compreensão acerca do Estado Islâmico e de sua atuação no mundo.

NOTA

¹Economista e Doutorando em Filosofia (UFBA). E-mail: francisco_economista@hotmail.com.

ENVIADO EM: 21/04/2015
APROVADO EM: 18/10/2015